

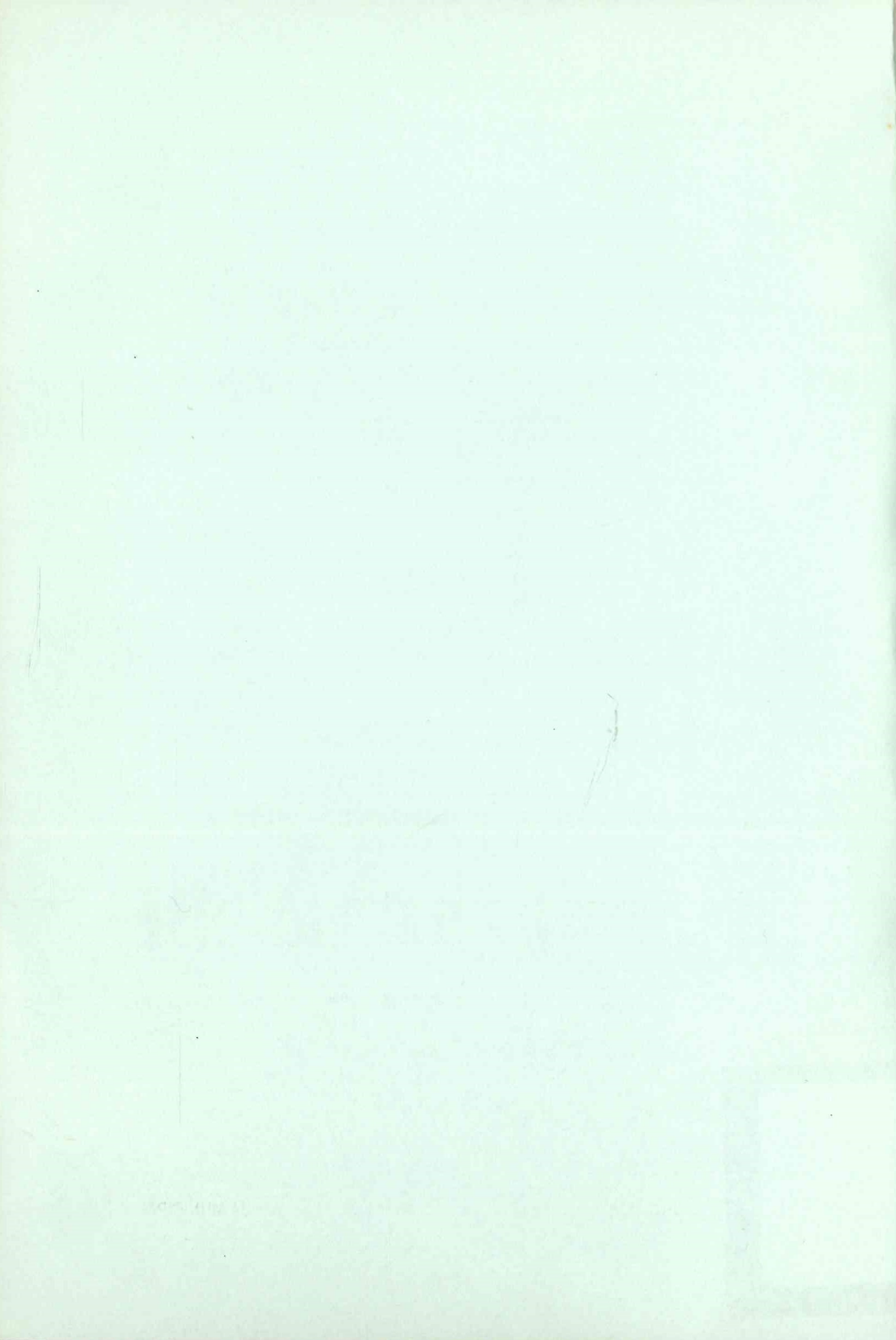


UMA "RELAÇAM" DE BARCELOS



3)
70(469.12)"16"
AS

TEMAS BARCELENSES
CADERNO 5
JUNHO 1990



REGRA
MILITAR
OFFERECIDA AO
SERENISSIMO PRINCIPE DOM
Theodono n'osso Senhor.

COM A RELAC, AM DO Q' E PEZ A
Villa de Barcelos, depois que foy aclamado Rey, & Sn'or
sua Magestade, c'te o primeiro de Janeiro 1642.



EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Domingos Lopez Rosa. Anno de 1642.

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 56096

Uma "RELAÇAM" de Barcelos

Os 28 anos que decorrem do 1º de Dezembro ao tratado de paz com a Espanha constituem um período bem definido da história portuguesa. O País recobrou então a plena consciência do sentimento nacional. Pela determinação política, esforço militar e capacidade diplomática dos seus agentes, a Restauração foi mais do que uma série de acontecimentos em defesa da Independência, impondo-se também pela unidade temporal que define uma grande realidade histórica. (1)

É nessa efervescência política, acompanhada de intensa agitação de ideias, que se inscreve o aparecimento entre nós do jornalismo, com as chamadas Gazetas da Restauração. (2)

A primeira, com um longo título como todos os desse tempo, Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641 (Lisboa, na Ofic. de Lourenço de Anvers, com privilégio real concedido a Manuel de Galhegos por Alvará de 14 de Novembro de 1641), e as seguintes, trouxeram às Relações até aí publicadas, as duas condições exigidas no jornalismo: periodicidade e continuidade.

Esta conclusão a que chegou José Tengarrinha na sua "História da Imprensa Periódica Portuguesa", publicada em Lisboa em 1965, vem levantar uma outra questão que a Barcelos diz respeito.

A "Regra Militar Oferecida ao Serenissimo Principe Dom Theodosio nosso Senhor" vem "Com Hua Relaçam do Que Fez A Villa de Barcelos, depois que foy aclamado Rey, & Snõr Sua Magestade, atè o primeiro de Janeiro 1642" (Em Lisboa, Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Domingos Lopez Rosa. Anno de 1642).

O título deste opúsculo é extraordinariamente semelhante ao das Gazetas. Além disso, há a anotar outras coincidências. Uma delas diz respeito à data da sua publicação, 1642. (3)

Outra refere-se ao formato, de 4º, quer no caso das Gazetas, quer na Relação de Barcelos.

As Gazetas tinham um preço médio de 6 réis, e o opúsculo em causa 8 réis.

Mas as maiores afinidades vamos encontrá-las não só no conteúdo, mas até nas suas origens.

O título da Relaçam Que Fez a Villa de Barcelos é bem elucidativo do teor do texto, razão pela qual não valerá a pena tratá-lo aqui.

Não restam dúvidas de que a Gazeta se identificava em absoluto com a política brigantina, chegando mesmo a pensar-se que era

redigida por D. João IV, o que se mostrou sem fundamento. Também neste ponto há um certo paralelismo com a Gazette de France, que se dizia ter a estreita colaboração de Luís XIII.

Ora a Relação que historia os episódios protagonizados pelas "gentes" de Barcelos, na folha de rosto do opúsculo em que vem inserido, diz "(...) & esta Relação, me enviaraõ dous criados de V. A. para as imprimir (...)".

Esta parte do texto localiza, sem erro, a origem do escrito.

Servem estas considerações para levantar uma questão: não estaremos na presença de uma Relação paralela às Gazetas ?

Se tal se verificar, teria havido mais números, de forma a podermos falar em periodicidade ?

Dado que o texto, na sua totalidade, refere as várias movimentações de tropas da responsabilidade da vila, estaremos na presença do mais antigo jornal de Barcelos, (e um dos mais antigos de Portugal), embora impresso em Lisboa ?

Deixo a solução aos eruditos ...

Quer as Relações, quer as Gazetas, surgiram numa época muito conturbada da nossa história, como uma necessidade. No dizer de Alexandre Herculano "Era preciso animar o povo depois daquela ousada tentativa; convinha narrar-lhe as vantagens alcançadas contra a Espanha, bem como as dificuldades em que se via envolvida aquela monarquia, e até exagerá-las; e porventura o Governo não achou meio nenhum mais azado a seus intentos do que lançar mão das gazetas, invento que como vimos era já conhecido em outros países da Europa". (4)

Assim o jornal mantinha a chama patriótica, tão necessária na emergência.

Como na Relaçam de Barcelos...

C. B.

Junho de 1990

- 1) Joaquim Veríssimo Serrão, História de Portugal, Lisboa, Verbo, 1980, V volume.
- 2) José Tengarrinha, História da Imprensa Periódica Portuguesa, Lisboa, Portugália Editora, 1965, p. 32.
- 3) As Gazetas da Restauração publicaram-se de 14 de Novembro de 1641 a 27 de Setembro de 1647.
- 4) Alexandre Herculano in O Panorama, nº 48 de 31 de Março de 1838.

98
GAZETA,
EM QVESE
RELATAM AS NOVAS
TODAS, QVE OVVE NESTA
CORTE, E QVE VIERAM DE
varias partes no mes do Nouem-
bro de 1641.



Com todas as licenças necessarias.
E privilegio Real.
EM LISBOA.
Na Officina de Lourenço de Anuncos.

A primeira das chamadas "Gazetas da Restauração" e que iniciou o jornalismo em Portugal.



GAZETA,
EM QV ESE
RELATAM AS NOVAS
TODAS, QVE OVVE NESTA
CORTE, EQVE VIERAM DE
variã partes no mes de Nouem-
bro de 1641.



Com todas as licenças necessarias.
E priuilegio Real.
EM LISBOA.
Na Offcina de Lourenço de Anueres,

ELEI IOV a armada de Olanda com hum
ma esquadra da armada Real de Castilla, em
que vinhão muitas fragatas de Dúque que
durou a pendencia mais de vinte, & quatro
oras; foise a pique hum galeão dos Castellhanos, & fize-
rão alguns destrocados, & todos com muita gente mor-
ta. O Olandez dom algum dano se retirou a este porto,
donde está aguardando a que el Rey nosso Senhor lhe de
focorro para sair otra vez a atemorizar os portos de
Andaluzia.

O Conde da Castanheira, que estava preso numa tor-
re de Senual pediu a el Rey nosso Senhor que lhe mu-
dasse a prisão por quão estava indisposto: & el Rey nos-
so Senhor usando de sua natural benignidade o mandou
trazer para o Castello de Lisboa.

Num lugar da Beira se afirma que ouue hum homẽ,
que ouindo dizer numa conuersação de amigos que na
felice aclamação del Rey nosso Senhor fizera o crucifixo
da Sã o milagre que a todos he notorio disse que podia
a caso a imagem do Senhor despregar o braço; & assim
como acabou de dizer estas palavras cahio huma parte de
junto da qual cauíão todos os da conuersação, & só a
elle morou.

Estando o galeão Santa Margarida para dar à vela dif-
fe o Piloto que não se atreua a sair sem lhe dar a mais
gente do mar; inquietarãose os soldados, & foy necessa-
rio acudir o General Antonio Telles de Menezes, & al-
guns Senhores q o acompanharam na jornada de Cadix: &
depois de tudo quieto prenderão tres soldados, que fo-
rão os cabeças, & a todos tres os enforcarão.

A
Luis

de se matou alguma gente, & outra se casou.

Fez el Rey nosso Senhor niere do Priorado do Cra-
to ao Illustrissimo Senhor Dom Rodrigo da Cunha Ar-
cebispo Metropolitano.

Prenderão hum frade Beguino estrangeiro, & dizem
que veio a esta cidade por espia.

Estão nomeados por Melres de campo Christouani
de Mello filho do Porteiro mór, & Dom Sancho Ma-
nosel

Publicou se o subsidio Ecclesiastico.

Abriose o comercio de Moscobia, & ja veio huma
nao com mercadorias, & ficão mpiras para vir.

Dizem que estão quinze mil Francezes sobre Fonte
Rabia.

Chegou a este porto huma casauella, que vinha das
Indias com azeitão, & os nossos a tomaraõ nas ilhas. Tras
vinte mil cruzados em patacas.

Estã eleito capitão de caualllos Dom Nuno Mascaren-
has filho de Dom Antonio Mascarenhas

Chegou hum nauio que faltava da esquadra de Rui
de Brito: o qual hevia ido no alcance de huma nao de
Turcos, & se presumia que estava perdido.

Elegeo el Rey nosso Senhor a Trillão de Mendouça
por General, & não se sabe ainda para onde vai; he seu
Almirante o capitam Francisco Duarte.

O Padre Joã de Matos, Reitor que foy da compa-
nhia em Euora, agora assistente da mesma Companhia
em Roma escreueo que o summo Pontifice esperana cõ
grande ahoroço pello Bispo Embaixador de Portugal
a pesar das influencias que o de Castilla fazia por lhe es-

A 3
toruar

toruar a entrada,

Veio Francisco de Sousa Corinho, que auia ido por
embaixador del Rey nosso Senhor ao Reyno de Sue-
cia, foi lá recebido com grandissimo aplauso: deixou as
pazes confirmadas; & trouxe tres naos de guerra de mais
de 30 peças de bronze cada huma com hum fidalgo, õ
qual vem a este Reyno de parte da Rainha de Suecia
para assistir nella corte, & ja falou a el Rey nosso Senhor:
trouxe muita artilharia de bronze, grandissimo nume-
ro de corpos de armas, mosquetes, & cravinas, 30. ma-
stros grandes: huma embarcação carregada de poluora,
& alguns caualllos. Deulhe a Rainha huma cadea de ou-
ro, que pesa 33000. huma joya de diamantes como seu
retrato, & a todos os que forão em sua companhia man-
dou dar huma cadea de ouro, & escreueo a el Rey nosso
Senhor dádolhe os parabens da Restauração do seu Rei-
no, & allegurandolhe que com tudo o que pode, & com
a propria vida se empregará sempre em seu seruico, &
ultimamente lhe dá sua palavra de que não fará nunca
pazes com o Empetador, & que sendo caso que as faça
será a primeira condição, que elle darã a liberdade ao Se-
nhor Dom Duarte.

O Conde de Bocoimandou prender hum soldado
Frances da companhia de Monsiur Baron tueraõ ábos
hum encontro sobre a prisão, de que o Monsiur Baron
sahio com alguma desconfiança, & ao dia seguinte pel-
la menham foy a casa do Conde de Boco, & depois de
almorçar com elle, lhe disse, que se pusesse a cauallo que
haurão de ir ambos a desafio: aceitou. O Conde, & logo
se forão ambos cada hum com seu padrinho a câpo lide
& tanto

Pormenor da Gazeta publicada em 1641.



GAZETA LITERARIA,

O U
NOTICIA EXACTA
DOS

PRINCIPAES ESCRIPTOS MODERNOS,
Conforme a Analysis, que delles fazem os melhores Criticos, e Diaristas da Europa.

Obra periodica para o anno de 1761

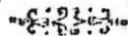
De que he Protector

O EXCELLENTISSIMO SENHOR
JOAM DE ALMADA
E MELLO,

*Governador General da Cidade do Porto, do seu Partido,
e de toda a marinha da Beira Baixa, &c. &c. &c.*

VOLUME PRIMEIRO.

P O R
FRANCISCO BERNARDO DE LIMA;



PORTO; Na Officina de FRANCISCO MENDES LIMA;
M. DCC. LXI.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se no Porto em Casa do Capitão Manuel Pedroso Coimbra na rua dos Mercadores: Em Lisboa em Casa de Claudio du Beux ás portas de Santa Catharina: Em Coimbra em Casa de Joam José du Beux no largo de S. João do Bispo,



A Gazeta Literária fundada em 1761, no Porto, e considerada o primeiro jornal literário português.



A O
SERENISSIMO
PRINCIPE DOM
THEODOSIO NOSSO SENHOR.



ESTA Regra Militar, & esta Relação, me enuiaraõ dous criados de V. A. para as imprimir, das quais a Relação vinha já offercida a V. A. E assi me pareceo que cometia crime, em não buscar affectuosamente a mesma protecção; pois como Official tão antigo da Real Casa de Bragança, corre por conta de V. A. apadrinhar as obras, que sairem por ordem minha. E não podia offercerse com mais razão a Regra Militar a outro Principe, do que a V. A. que de seus tenros annos a vay aprendendo de hum dos mais generosos Heroes, q̃ honrarão o Cetro Portuguez, & serà felice pronostico das q̃ nos mais robustos annos nos darà V. A. fundamento de nossas esperanças, & firmeza de nossos desejos. Já debaixo da protecção de V. A. resucita, sendo impressa no Anno de 1541. & no Reynado del Rey Dom Ioão o III. Irmão do Serenissimo Infante Dom Duarte terceiro Auô de V. A. sendo nesse tempo, pello modo, de todos applaudida. Melhor ventura se promete agora no fauor de V. A. em qu em com mais razão acha tam soberano Mecenas, aonde de mais pert o se achão os Reys, & Principes, do que o Lyrico achaua no seu, & cuja pessoa Deos nos guarde por felicissimos Annos. Lisboa de Janeiro 6. de 1642.


Humilde seruo, & fiel vassalle,

Lourenço de Queirds,

Folha de rosto da publicação em estudo onde se lê:
(...) & esta Relação, me enuiaraõ dous criados de
V. A. para as imprimir (...).

RELAC, AM DO QUE FIZERAMOS MORADORES
de Barcelos, do dia, que aclamarão a sua Magestade, até o ultimo
de Janeiro de 1642.

Offerecida a seu Principe, & Senhor Dom Theodosio.

 Ououres em boca propria, muito alto, & soberano Senhor, estão censurados por vilezas, porem nesta occasião não incorrem esta censura os que se dirigem a acreditar fidelidade de vassallos, & a dar animo, & brios para a defensão da patria: E assi ainda que eu, por ser natural da Villa de Barcellos, pareça testemunha apaixonada, defenderme hei com a verdade do que relato, & com ver que na abundancia de relatores do que as outras fizerão, até agora não ouue quem refirisse o animo, com que a dita Villa accitou a felice aclamação de S. Magestade, & o valor, com que a defendeu.

Não foi necessària mais q̃ a primeira noticia, porque se esperar muita certeza, logo os moradores de Barcellos tomarão a voz do Serenissimo Senhor, & Rey seu D. Ioão o IV. poucos dias depois
que

Início da "Relaçam" propriamente dita.

Ni Aguedo
de Mello, alojado á vista do inimigo, q̄ naquella occasião fundava
boas esperanças no grande poder, que tinua junto.
Mandou o General, q̄ ficassê em Meigaço duas Cõpanhias, & grã-
de parte da gẽte nobre. E porq̄ o poder do inimigo era grãde no
Porto das Varzes, & o porto arriscado, mandou o General, q̄ os
nossos marchassê a se encõtrar cõ elle, desmintido suas esperan-
ças, & demasiada confiança: antes intimidahdos tanto, que os ob-
brigou a dar as costas muito á sua custa, & a seu pezar.

Em Lamas de Moure governava o exercitõ o Capitão mór Fr. Diogo, a quẽ se deve grande parte da vitoria, pello modo, com q̄
o dispõs, sendo o principal o General, cujo estorço tenoua o san-
tigo valor, & brio dos Portugueses. Allistirão neste posto, cõ o
Capitão mór (afora muita outra gente das comarcas velinhas) Pe-
dro de Faria de Almeida, Balthezar de Moura, Pero de Faria
de Almeida, João Francoso Lençoes, João Machado de Fa-
ria, Frãcisco Machado de Azeuedo, Ieronymo de Andrada, Pau-
lo de Andrada, Diogo de Médanha, & Antonio de Abreu, q̄ tinha
o posto de seu tio Frãcisco Machado de Caramona, João Lobo
Pinheiro, Fernão de Andrade do Valle, Frãcisco de Faria, & Frã-
cisco de Miranda, & outros muitos Capitaes, a quẽ basta a publici-
dade de suas façanhas para serẽ bẽ conhecidos, os quais todos de-
rão cõta de seus postos cõ muita satisfação, assi na entrada, como
na preza, q̄ fizemos nos Capitaes Castelhanos, q̄ foraõ seis, & hũ
Sargeto mór, hũ Alferes, & muitos soldados, ficãdo no câpo mui-
tos mortos, & algũs despojos, q̄ já è outra relação estaõ referidos.

Hoje tẽ mandado o Capitão mór Fr. Diogo de Mello, q̄ as Cõ-
panhias da Ordenança entrẽ de guarda, para se exercitarẽ na the-
orica da milicia. Ultimamete desta Villa de V. A. tẽ saido mais de
mil homẽs pagos, dos quais a maior parte está nas frõteiras do
Reyno, aonde mostraõ, & mostraraõ serẽ sêpre os primeiros no a-
mor, como sãõ primeiros em serẽ vassallos de V. A. por naturaes
de hũa terra, q̄ foi a primeira, de quẽ V. A. se intitulou Duquẽ, &
Senhor, & agora he Príncipe, a quẽ todos deseamos dilatados in-
perios, pedindo a Deos a vida de tão dignissimo Príncipe, q̄ o Ceo
augmente. Barcelos, de Fevreiro o primeiro de 642.

Humilde Vassallo de V. A.

Manoel da Rocha Freyre.

Parte final da "Relaçam", datada de 1 de Feverei-
ro de 1642 e assinada por Manoel da Rocha Freyre.

biblioteca
municipal
barcelos



56096

Uma "relaçam" de Barcelos